



artesanato
da **BAHIA**

CADERNOS TEMÁTICOS DO ARTESANATO BAIANO

VOLUME 3
2024

FICHA TÉCNICA | GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA - SETRE

Jerônimo Rodrigues - Governador

Augusto Vasconcelos - Secretário

Juremar de Oliveira - Chefia de Gabinete

Weslen Moreira - Coordenador Executivo de Fomento ao Artesanato

Alice Barreto - Coordenação da Comissão de Monitoramento e Avaliação

FICHA TÉCNICA | FÁBRICA CULTURAL

Joel Miguez - Presidente

Jaqueline Azevedo - Diretora Executiva

Matheus Albergaria- Diretor do Contrato de Gestão Artesanato da Bahia

Denise Silva - Gerente de Contratos Artesanato da Bahia

Kleber de Azevedo - Gerente de Fomento Artesanato da Bahia

Natali dos Santos - Coordenadora de Qualificação Artesanato da Bahia

Larissa Khouri - Coordenadora de Comunicação Artesanato da Bahia

APOIO TÉCNICO

Daianã da Luz Vila Nova

ENTREVISTAS COM ARTESÃOS | ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO

Rodrigo Maurício Freire Soares

DIAGRAMAÇÃO

Maíra Vilas Boas

FOTOGRAFIAS

Ricardo Prado; Emerson Ishikawa; Agência Dudes

SUMÁRIO

- 4** **SOBRE MARAGOGIPINHO**
- 6** **ARGEMIRO COSTA NETO**
As múltiplas identidades das olarias
- 8** **NIVALDO DOS SANTOS**
A produção deve ser diversificada e adaptável
- 10** **JOSÉ TEÓFILO DOS REIS**
As engrenagens da criação
- 12** **ANTÔNIO DATIVO DOS SANTOS**
Conhecer o solo é o primeiro passo para criar uma boa peça
- 14** **ROSALVO SANTANA**
O Barroco reinventado no barro
- 16** **TAURINO SILVA**
Ensinar como alternativa para manter viva a tradição
- 18** **ELISIO NAZARÉ ALMEIDA**
É assim na vida, é assim no artesanato
- 20** **NAILSE MOREIRA MOTA MEDINA**
Foco, atenção e traços finos
- 22** **TEREZINHA BRITO DA LUZ**
Professora e mestra
- 24** **GUILHERME TEIXEIRA DOS SANTOS**
O tempo do barro precisa ser respeitado
- 26** **ANTÔNIO RAFAEL SANTANA**
Das peças utilitárias às peças decorativas
- 28** **ALMERENTINO MACARIO DE SOUZA**
O domínio da técnica da queima do barro
- 30** **ANTÔNIO SANTANA MOREIRA COSTA**
Fé na criação

SOBRE MARAGOGIPINHO

Maragogipinho é um distrito do município de Aratuípe, reconhecido como o principal polo produtor de cerâmica do estado a Bahia. Situado às margens do Rio Doce, um braço do Rio Jaguaripe, a região é marcada pela presença de manguezais e pela beleza natural. O acesso ao distrito pode ser feito por via terrestre, a cerca de 227 km de Salvador, ou por via marítima, através da Ilha de Itaparica. A comunidade se destaca pela arquitetura tradicional de suas olarias, construídas com madeira e palha de piaçava, mantendo viva a memória do passado e a essência do artesanato local.

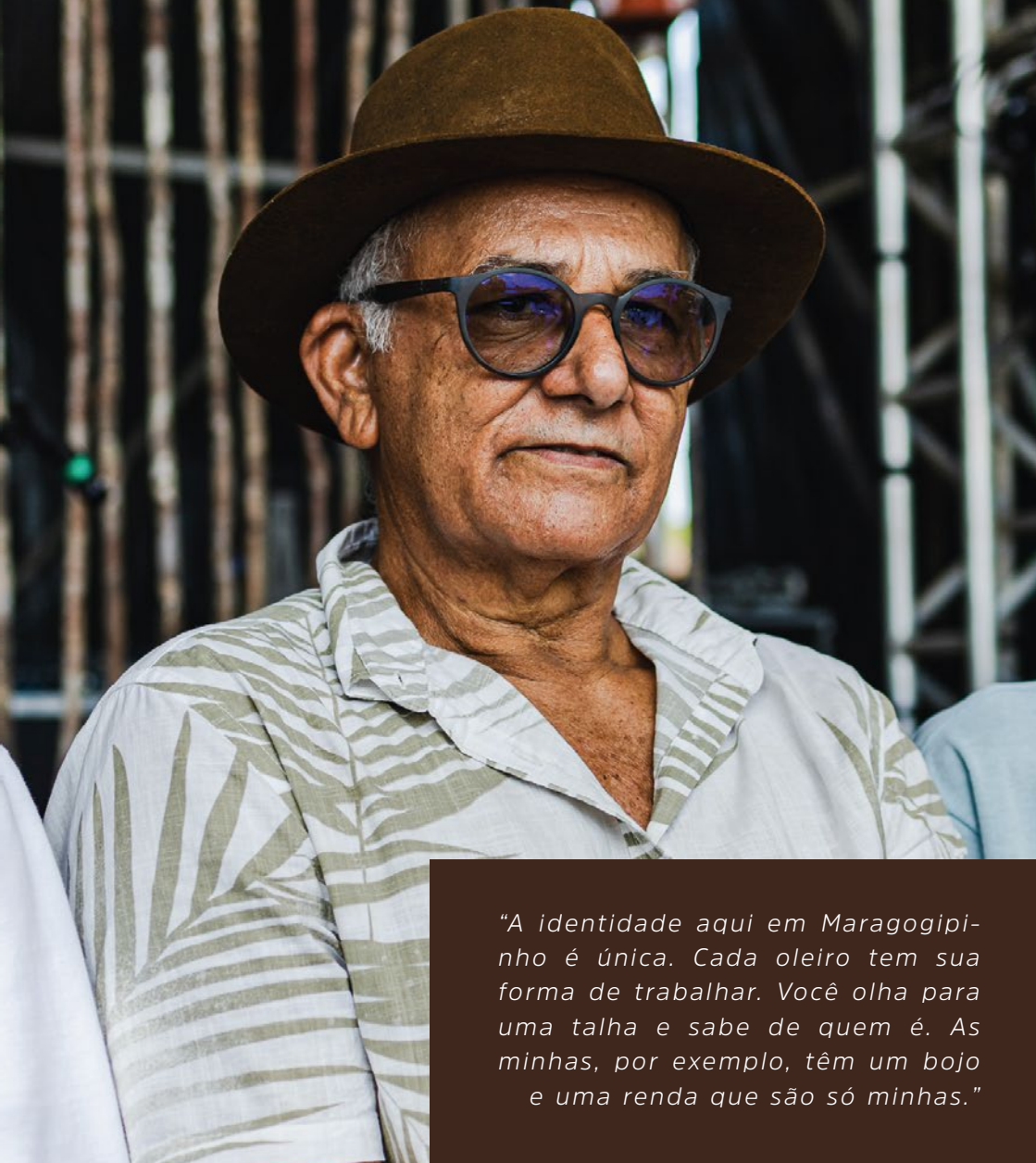
A escolha por uma edição dos Cadernos Temáticos voltada aos artesãos de Maragogipinho se dá pela riqueza cultural do território, evidenciada pelo grande número de artesãs, mestras e mestres. Na segunda edição dos cadernos temáticos, já havíamos trazido as histórias de duas artesãs locais, Mestra Enói e Mestra Dadá. Nesta terceira edição dos Cadernos Temáticos trazemos mais 13 mestre/as, consolidando a força e a importância do artesanato no território. Através de suas peças, testemunhamos a história, a tradição e a criatividade de um povo que encontrou na cerâmica a sua voz e o seu sustento. Esta edição se propõe a ser essa ponte, conectando o leitor ao universo de Maragogipinho, onde a arte e a vida se entrelaçam.

Cada artesão imprime sua marca pessoal nas peças, o que é demonstrado ao longo dos relatos feitos por meio de entrevistas com cada artesã/o. Mestre Nivaldo, com mais de seis décadas dedicadas ao ofício, demonstra sua habilidade em cada criação, sejam pequenas peças ou grandes esculturas. Já Mestre Antônio Rafael molda suas peças e cria formas que carregam não apenas valor comercial, mas também uma conexão profunda com suas raízes e sua família. Zé das Baianas é conhecido pela delicadeza de suas baianas de cerâmica, símbolo de sua criatividade e de sua preferência por inovações autênticas, sem recorrer a modelos prontos. Mestre Toddy, por sua vez, entende profundamente os materiais com que trabalha, destacando a importância de conhecer a terra e o barro para extrair o melhor de cada elemento. Mestre Padre,

que encontrou no artesanato um caminho para sua vida, reconhece suas peças mesmo em meio a muitas outras, demonstrando orgulho e conexão com seu trabalho. Mestre Teófilo, aos 72 anos, conserva a energia e o entusiasmo de um jovem aprendiz, acreditando que o amor pelo ofício renova o espírito e mantém viva a criatividade. As mulheres ocupam um lugar especial nessa história, primeiro com Mestra Nailse, com décadas de experiência, que se destaca pela delicadeza e paciência que aplica na pintura de Tabatinga. Suas criações refletem o cuidado e a atenção que dedica a cada detalhe. Mestra Terezinha, igualmente apaixonada pela arte, encontra na pintura uma forma de terapia, onde calma e tranquilidade se tornam protagonistas. Cada peça criada em Maragogipinho guarda a essência do lugar, carregando histórias, cultura e identidade. Mestre Guilherme, por exemplo, revela o processo cuidadoso para criar um boi de cerâmica, onde cada etapa é fundamental para o resultado final, enquanto Mestre Almerentino ressalta a necessidade de que seja dominada a técnica da queima para garantir a resistência e a beleza das peças. Mestre Rosalvo, com sua arte sacra, busca inspiração no que considera advinda da espiritualidade. Mestre Nenê reforça a ideia do acabamento natural e da rusticidade das peças, enquanto Mestre Miro destaca a individualidade de cada artesão, que imprime sua marca em cada peça.

As histórias desses mestres artesãos revelam algumas características que se repetem entre os mestres e mestras de Maragogipinho, a exemplo da forte ligação familiar com o ofício. A maioria aprendeu a arte da cerâmica ainda na infância, observando e auxiliando seus pais e avós nas olarias. Esse aprendizado, passado de geração em geração, solidificou a tradição ceramista local e transformou o artesanato em um legado familiar. Além disso, a paixão pelo ofício, a dedicação e a busca constante por aprimoramento técnico são aspectos comuns aos artesãos entrevistados. Mesmo diante das dificuldades inerentes ao segmento, eles demonstram amor pelo que fazem e se orgulham em manter viva a tradição ceramista. A simplicidade, a humildade e o respeito pela natureza também são características que transparecem nas falas das artesãs e artesãos, evidenciando a profunda conexão com a terra e com as raízes da cultura local. Que esta edição dos Cadernos Temáticos contribua ainda mais para o fortalecimento das tradições de Maragogipinho.





"A identidade aqui em Maragogipinho é única. Cada oleiro tem sua forma de trabalhar. Você olha para uma talha e sabe de quem é. As minhas, por exemplo, têm um bojo e uma renda que são só minhas."



Mestre Miro
Modelagem e Cerâmica Tradicional

Município
Aratuípe

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha

ARGEMIRO COSTA NETO

AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES DAS OLARIAS

O aprendizado de Miro na olaria se deu de forma orgânica, desde a infância imerso no ambiente de trabalho de seu pai: "meu pai acordava cedo e levava todos nós para a olaria. Era uma rotina: abrir a olaria antes dos amassadores chegarem, tomar café juntos, e depois começar o trabalho", relembra Miro. Entre brincadeiras e barro, as crianças eram incentivadas a mergulharem no ofício: "Ele fazia com que a gente quisesse brincar com o barro. Pisávamos nele, nos sujávamos todos, e assim o gosto pelo trabalho foi surgindo." As lembranças da infância revelam um método de aprendizagem baseado na observação e no lúdico, o barro como uma brincadeira. Essa imersão precoce moldou o artesão que Miro se tornou, que associa este processo de aprendizagem à subida dos degraus de uma escada "você vai subindo, vai aprimorando, com as orientações daqueles que já estão em cima".

Um elemento central na obra de Miro é a identidade, tanto a individual quanto a identidade coletiva, sobre a qual destacou: "a identidade aqui em Maragogipinho de cada peça, de cada Olaria, é individual". Cada oleiro mesmo produzindo tipos de peças que podem ser semelhantes (uma moringa, o boi bilha, dentre outras), imprime sua marca e estilo próprios. Essa individualidade, contudo, não impede a percepção de uma identidade que é também coletiva, ligada ao próprio território: "É um polo de produção com diferentes artesãos e as olarias carregam essas identidades próprias".

Além de suas habilidades manuais, Miro desenvolveu uma sensibilidade artística para adaptar criações a projetos específicos. Trabalhou com arquitetos e decoradores que enviavam esboços e, com as medidas exatas, ele moldava peças únicas: "Desenhava a peça no chão, ajustava as medidas e mandava a informação de volta. Um arquiteto me dizia: 'Miro, o que você fizer, tá feito'. Ele confiava em mim, e isso foi fundamental."

Pensando no futuro da atividade artesanal local, Miro reconhece a necessidade de uma área reservada para o trabalho, um espaço onde os artesãos possam se reunir e produzir com mais qualidade. A obtenção da argila, matéria-prima essencial, esbarra em conflitos com donos de terras que restringem o acesso às áreas de extração. A solução, segundo Miro, seria a criação de uma reserva, a exemplo do que ocorreu em outros estados do Nordeste, garantindo a sustentabilidade da atividade. Para Miro, o futuro do artesanato passa por um planejamento estratégico, que valorize as potencialidades locais e fortaleça a união entre os artesãos. A experiência como presidente da associação de artesãos de Maragogipinho aguçou esta sua percepção coletiva, trazendo reflexões sobre como uma abordagem não apenas associativa, mas também cooperativista, podem fortalecer ainda mais o setor. "Hoje, o que vier de tamanho e desafio, eu faço. Cada peça é um pedaço da minha vida, da minha história." Sua conexão com o passado e o respeito pela tradição também são visíveis em como ele perpetua o legado de Maragogipinho. "Nós levamos o nome da nossa cidade para onde quer que nossas peças cheguem. Cada vez que uma talha é admirada, é a cultura de Maragogipinho que ganha destaque. Isso me enche de orgulho."

NIVALDO DOS SANTOS

A PRODUÇÃO DEVE SER DIVERSIFICADA E ADAPTÁVEL

Nivaldo, com seus 72 anos, é um dos grandes mestres do artesanato em Maragogipinho, conhecido por sua habilidade no torno e pela criação de peças que preservam a essência da cultura local. Desde cedo, ele se dedicou ao ofício, aprendendo a modelar argila com seus pais. "Desde muito jovem, eu já sabia fazer peças", relembra ele, destacando como a prática artesanal sempre esteve entrelaçada à sua vida familiar e comunitária.

Nivaldo produz peças decorativas e utilitárias, como painéis decoradas, pratos e objetos religiosos. "Sou preparado para qualquer tipo de peça. Coloco a argila no torno e digo: qual peça precisa sair daqui?", afirma. Ele domina a produção de uma variedade de peças, desde as "peças turísticas" como bois e painéis decoradas até objetos religiosos para umbanda. Ele também destaca que suas técnicas incluem métodos tradicionais, como a aplicação de Tauá para dar brilho às peças, algo que ele retomou recentemente com grande sucesso: "Voltei às origens e o pessoal bateu palma".

O mestre explica que em sua comunidade, a tradição do artesanato é passada de geração em geração. "Minha família toda fazia as peças. Eu comecei ajudando, levava as 300, 400 peças para a feira de Caxixi para comprar meus livros", enfatizando a importância do ofício para o sustento familiar. Essa habilidade de moldar a argila em infinitas formas o impulsionou a buscar novos conhecimentos, como quando viajou ao México para aprender sobre o manuseio da argila e chumbo. Nivaldo conta que foi indicado pela associação para observar a realidade de artesãos mexicanos que estavam com dificuldades em exportar seus produtos para os Estados Unidos e Canadá, devido à presença de chumbo e trocar experiências sobre como Maragogipinho lidava com o tema. Na ocasião, ele foi homenageado pelo governo Mexicano e Unesco.

Para Nivaldo, o reconhecimento como Mestre Artesão representa um incentivo para continuar a se dedicar ao ofício e a transmitir seu conhecimento. "Só muda para mim é aquele empenho à vontade de se fazer mais". Ele sonha em ver seus aprendizes se tornarem "bons alunos", garantindo a perpetuação da arte em e o sustento da comunidade.



Mestre Nivaldo
Modelagem e Cerâmica Tradicional

Município
Aratuípe

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha

*“Ainda me sinto jovem
para fazer algumas
coisas. Quero dar mais
minha contribuição
para Maragogipinho, a
Bahia, o Brasil e o
mundo”.*



"Quando a gente trabalha com amor, a peça fica doce".



JOSÉ TEÓFILO DOS REIS

AS ENGRENAGENS DA CRIAÇÃO

Teófilo começou no artesanato ainda jovem inspirado pelo trabalho de seu pai. “Eu ia andando com ele, vendo como fazia. Foi assim que aprendi”, relembra. Essa convivência permitiu que ele absorvesse técnicas e conhecimentos essenciais do ofício. Quando seu pai faleceu, Teófilo já dominava completamente as etapas de produção e continuou a tradição familiar. Atualmente, o Mestre trabalha com seus sete filhos, transmitindo o que aprendeu: “Eu dou espaço para eles aprenderem, porque a vida continua”. E não por acaso, a sua olaria se chama “Pai e Filho”: “Nossa olaria se chama Pai e Filho, porque somos todos nós trabalhando juntos”.

Sua produção inclui peças variadas, desdeoringas a objetos decorativos e utilitários. Ele destaca que atende principalmente a pedidos específicos dos clientes, adaptando-se às demandas: “Tudo que eu faço não fica no olaria. Enche os olhos do cliente”. Embora não tenha preferência por um único tipo de peça, ele ressalta a importância de criar com dedicação: “Quando a gente trabalha com amor, a peça fica doce”.

Mestre Teófilo acredita no futuro ainda mais promissor da atividade em Maragogipinho, mas enfatiza que é necessário evoluir constantemente. “Quem trabalha no torno e não procura evoluir, fica estacionado. É preciso melhorar o acabamento e inovar”. Ele também vê a prática artesanal como um exercício de paciência e renovação: “Nosso trabalho depende de uma mente fresca. Quando fazemos com carinho, a tendência é continuar por muitos anos”.

Com mais de 60 anos dedicados ao artesanato, Teófilo carrega consigo algumas histórias. Ele já viajou para diversas cidades para divulgar seu trabalho e chegou a receber um convite para ir à França demonstrar suas técnicas. O Mestre revelou o desejo de ter sido mecânico e os esforços que fez para aprender a profissão. Chegou a trabalhar também como ajudante de eletricista, adquirindo conhecimentos diversos que o levaram a ser conhecido localmente pela sua capacidade de resolver problemas.

De certa forma, se fizermos uma analogia, assim como um mecânico que desmonta, analisa e remonta peças compreendendo o funcionamento intrincado de cada elemento, no artesanato Teófilo desconstrói a forma em sua mente, molda a argila e a reconstrói em um novo objeto, dominando as engrenagens da criação. Talvez a sua paixão pela compreensão das engrenagens (a mecânica das coisas, dos objetos) o tenha levado ao trabalho manual para um exercício de criação que tem o entendimento do processo (do fazer artesanal) como elemento principal.



Mestre Teófilo
Modelagem e Cerâmica Tradicional
Município
Aratuípe
Território
Baixo Sul
Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha

ANTÔNIO DATIVO DOS SANTOS

CONHECER O SOLO É O PRIMEIRO PASSO PARA CRIAR UMA BOA PEÇA

O som da roda do torno era familiar, constante, como um mantra que acompanhava os dias de Mestre Toddy. Ele recorda que no início, o barro machucava suas mãos e fazia doer os seus pulsos. Da produção de pequenas panelas às peças utilitárias e decorativas, seu trabalho sustentou a família, moldando não apenas o barro, mas também a própria vida.

O filtro de barro, peça central na produção de Mestre Toddy, representa a fusão entre tradição e saúde. "Fiz muito mesmo e não é todo mundo [que] sabe fazer também não", revela o artesão, demonstrando o domínio de uma técnica que exige conhecimento e precisão. Ele destaca os benefícios da água filtrada no barro, "boa para não ter gastrite", e a importância de se conhecer os diferentes tipos de argila para a confecção de um filtro eficaz. A "peça direta", como ele a chama, exige um "barro [que] é maior" e atenção especial durante a modelagem, pois qualquer deslize pode comprometer a qualidade final do filtro. O segredo do Oleiro, segundo Toddy, está em "saber promar o barro", percebendo a textura ideal e a aproximação da peça para evitar que o filtro fique grosso. Esse conhecimento adquirido ao longo de décadas de prática garante a produção de filtros que, além de funcionais, preservam o sabor natural da água e contribuem para o bem-estar.

Encontrar o melhor barro sempre foi mais do que uma tarefa técnica, era um ritual de conexão com a terra. Toddy sabia exatamente onde procurar, conhecendo as nuances que diferenciavam o barro vermelho, o branco e o salgado. "O segredo do barro é mineral. Ele cresce com a terra, mas se não souber tirar, não serve para nada", explica. Para ele, o processo começava antes mesmo de tocar a argila: era preciso sondar, testar e entender o solo. "Eu chego lá e explico. Quem olha não vê nada, mas eu sei onde está. Se o barro não for do lugar certo, a peça sai torta." Essa precisão continuava na preparação. Amassar, descansar e sentir a textura do material eram passos fundamentais para garantir que a argila se transformasse em uma peça perfeita. "Se o barro não está bem, a peça sai do torno com um lado grosso, outro fino. É o artesão que precisa dominar o material, não o contrário." A temperatura do forno também é ressaltada pelo artesão: "O forno, se não for esquentado do jeito certo, deixa a peça mole, pesada. O segredo está no equilíbrio do calor."

Ao olhar para o futuro, Mestre Toddy mantém uma visão realista, mas otimista. "O artesanato representa tudo na minha vida. Com ele criei minha família e formei meus filhos. O que espero é que, mesmo com as dificuldades, quem continuar fazendo, faça com cuidado." Para ele, o ofício não é apenas trabalho, é história, cultura e resistência. Toddy relembra com saudosismo a época da "feira do Barro, que enchia de gente". Ele organizou o evento por quatro anos, atraindo visitantes e promovendo a arte de Maragogipinho.



Mestre Toddy
Modelagem e Cerâmica Tradicional

Município
Aratuípe

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha

A photograph of an elderly man with grey hair, smiling as he works on a pottery wheel. He is wearing a blue t-shirt and a white apron. He is shaping a large, light-colored clay pot. The workshop is rustic, with wooden beams and various pottery items visible in the background and foreground. A large, textured, vertical object, possibly a piece of wood or a large pot, is in the background. In the foreground, there are several finished or partially finished pottery items, including a large orange pot on the left and a smaller reddish pot on the right.

“O segredo do barro é mineral. Ele cresce com a terra, mas se não souber tirar, não serve para nada”.

"Eu tento fazer com o barro o que os pintores fazem nas telas. É difícil dar leveza a essas imagens, mas é onde coloco minha dedicação."



ROSALVO SANTANA

O BARROCO REINVENTADO NO BARRO

Mestre Rosalvo não teve referências formais quando começou a desenvolver suas atividades, pois na sua época modelagem figurativa era rara. “Não existia isso, só havia o torno”, relembra. Seu aprendizado veio da curiosidade e da observação, especialmente das peças sacras nas igrejas. “Eu ia para a igreja observar as imagens, e aquilo me despertava. Acho que sou muito detalhista, sempre procuro superar o que vejo de belo.”

A arte sacra se tornou seu caminho e o seu diferencial. Rosalvo passou a produzir imagens de santos católicos, como Nossa Senhora da Conceição e São Francisco, em tamanhos que vão de 30 centímetros a 2 metros. Mas sua marca está nos detalhes: “Eu busquei enriquecer minhas peças e dar um toque barroco. O São Francisco de Rosário, por exemplo carrega indumentárias e elementos que só meu trabalho tem”, explica. A inovação (e reinvenção) estão presentes também em peças como a “Rainha dos Anjos”, descrita por ele como um dos maiores desafios como artesão: “Eu tento fazer com o barro o que os pintores fazem nas telas. É difícil dar leveza a essas imagens, mas é onde coloco minha dedicação.”

Rosalvo lembra de eventos em que sua produção desafiou preconceitos contra artistas da Bahia. “Levei uma Nossa Senhora da Conceição para um evento fora do Estado, e algumas pessoas criticaram este meu estilo, mas depois acabaram pedindo para eu dar aulas. O peso da Bahia estava nas minhas mãos.”

A tecnologia também encontrou espaço em seu ofício. “Hoje, a maioria das minhas vendas é pelo celular. As pessoas me acham pelas redes sociais. Envio peças para o Brasil inteiro.” A fé e a inspiração ocupam um lugar central na vida e no trabalho de Mestre Rosalvo. Ele acredita que a arte transcende a técnica e a habilidade manual, sendo guiada por uma força superior. “Eu acredito no que é sobrenatural. [...] tem trabalhos que não sai só da nossa mente”. Essa crença se manifesta na delicadeza e na expressividade das suas esculturas sacras, transmitindo emoção e espiritualidade.



Mestre Rosalvo
Modelagem e Cerâmica Tradicional

Município
Aratuípe

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha

TAURINO SILVA

ENSINAR COMO ALTERNATIVA PARA MANTER VIVA A TRADIÇÃO

Desde jovem, Zé se destacou pela habilidade em criar, ele não queria apenas repetir formas, mas deixar sua marca: "Criatividade é a alma do negócio. É isso que faz a gente viver melhor." Neste contexto, as peças criadas representando as baianas se tornaram seu maior símbolo: "Em 2004, fiz a primeira baiana para representar a Bahia, e desde então essa peça virou minha marca." Para Zé, criar é mais do que modelar o barro, significa imprimir uma identidade. "Eu não gosto de copiar. Tudo que faço vem da minha cabeça, da minha inspiração. É assim que se agrega valor ao que produzimos."

Mestre Zé das Baianas dedicou sua vida ao artesanato porque acredita que a atividade pode ser uma força para sua comunidade. Para ele, cada peça produzida não é apenas um objeto, mas também uma forma de levar o nome de Maragogipinho e da Bahia para o mundo. O Mestre refere-se ao trabalho artesanal como um legado vivo, algo que deve ser protegido e valorizado e descreve o artesanato da região como fruto de um povo resiliente, que nunca desistiu mesmo diante das adversidades. A riqueza de conhecimento acumulado ao longo de décadas em Maragogipinho é o grande ativo local, mas também motivo de preocupação de Zé das Baianas: "como garantir que esse conhecimento continue?". Pensando nisso, Zé já criou alguns projetos voltados para o ensino do ofício para as novas gerações, acreditando que só assim será possível manter viva a herança cultural.

Zé das Baianas vê a internet como uma ferramenta importante para a comercialização do artesanato local, mas defende a originalidade e a criação de peças únicas, que se diferenciem da produção em massa. Ele destaca que "a gente tem que ter uma marca registrada para poder mostrar" e que a pesquisa por novas ideias deve ser uma prática constante de todos os artesãos.

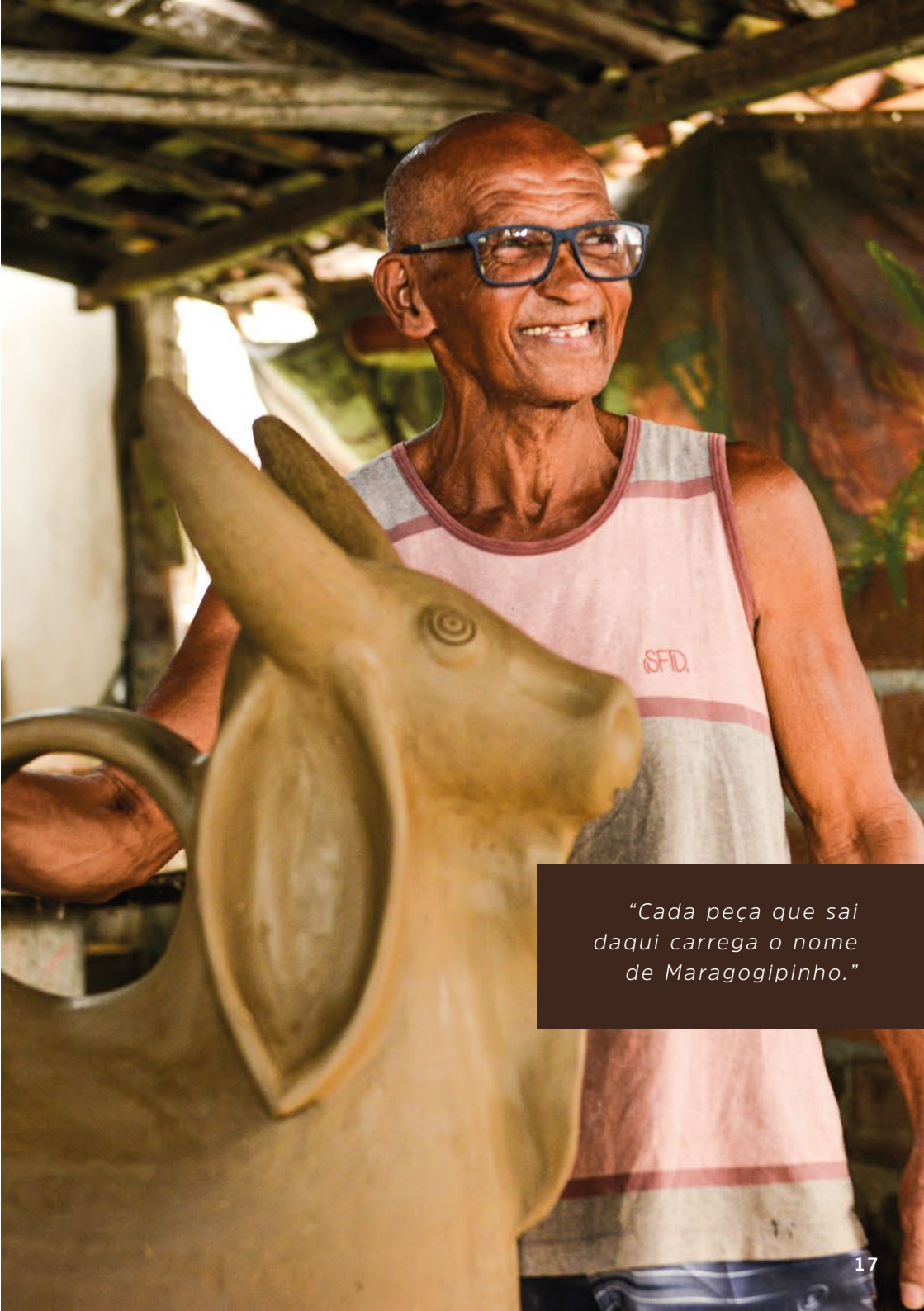


Mestre Zé das Baianas
Modelagem e Cerâmica Tradicional

Município
Aratuípe

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha



*"Cada peça que sai
daqui carrega o nome
de Maragogipinho."*

A photograph of an elderly man with a weathered face and grey hair, wearing an orange tank top with a white graphic. He is focused on shaping a wide, shallow clay bowl on a pottery wheel. His hands are covered in wet clay. The workshop is rustic, with a wooden frame and a thatched roof. In the background, there are more pottery items and a large, finished earthenware jar. A dark text box in the upper right corner contains a quote in Portuguese.

*"Eu continuo sendo
aluno. Cada minuto
a gente aprende
alguma coisa nova."*

ELISIO NAZARÉ ALMEIDA

É ASSIM NA VIDA, É ASSIM NO ARTESANATO

Mestre Nenê, um artesão de 85 anos, dedica-se à cerâmica há 7 décadas em Maragogipinho. Ele faz de tudo um pouco: quartinhas, quartiões, talinhas. Mas a peça bordada, uma peça trabalhada com flores e ramos, é sua obra-prima. "Levava um dia inteiro para fazer uma. Era demorado, mas valia a pena. Só que não tem mais aceitação. Hoje o que sai mais são as quartinhas, então eu faço o que o freguês pede." Ele relembra a produção de peças que caíram em desuso, como o "caco de encher tapioca", a "cacovira" e o "caco chato", devido à falta de procura. A mudança nos hábitos de consumo e a necessidade de adaptação do artesão ao mercado são aspectos importantes de sua experiência.

A relação com o barro e a natureza é central em sua prática. "O barro é 100% essencial. Mas vejo fazendas sendo compradas, terrenos sendo fechados, e isso preocupa. Se não cuidarmos, como vamos continuar? A lenha que usamos vem de árvores que crescem rápido, como candeia e pau-pombo. A gente aproveita o que sobra das roças, e a terra se renova, mas é preciso pensar no futuro."

Mestre Nenê compartilha sua sabedoria com as novas gerações, tendo ensinado o ofício a mais de 20 pessoas. Ressalta que o aprendizado só depende da pessoa e que ensina "quando a pessoa quer aprender", demonstrando a importância da iniciativa individual no processo de formação do artesão. "Ensinar depende da vontade de quem quer aprender. Se a pessoa quer, eu ensino." Ele vê no título de mestre um reconhecimento, mas mantém-se humilde frente ao reconhecimento.

Nenê relatou um episódio marcante, em que perdeu toda a sua produção devido a um temporal. Após essa perda, "botou os pés no chão e continuei". Para ele, recomeçar faz parte. "Você levanta e segue. É assim na vida, é assim no artesanato." Ele acredita que Maragogipinho, com seu movimento incessante de saveiros e caminhões, ainda guarda um encanto especial. "Antes, o transporte de saveiro era melhor. Hoje em dia, com caminhões, muitas peças quebram." Apesar disso, ele segue firme, vendo seu trabalho chegar a Salvador, ao Rio de Janeiro e até à Espanha. "É um orgulho ver que aquilo que a gente faz daqui alcança tão longe."



Mestre Nenê
Modelagem e Cerâmica Tradicional

Município
Aratuípe

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha

NAILSE MOREIRA MOTA MEDINA

FOCO, ATENÇÃO E TRAÇOS FINOS

Na olaria do irmão, com o rádio tocando baixinho e tendo a calma como companheira, Mestre Nailse se concentra em sua pintura. “A mão vai levando e, quando a gente percebe, já saiu algo que nem imaginava.” Assim, ela descreve o processo de criar suas pinturas em cerâmica, um ofício que começou como curiosidade na infância e se transformou em uma prática de mais de 40 anos.

A técnica da pintura com uso da Tabatinga exige precisão e paciência: “Primeiro, brunimos a peça com Tauá para dar brilho. Depois, aplicamos a Tabatinga, uma argila branca, usando pincéis de pelo de gato e talhas de palha de coqueiro.” Nailse prefere a pintura tradicional, de traços finos e leves, que desenham ramos e flores, adaptados ao tamanho e ao propósito de cada peça. “Olho para a peça e decido o que ela pede. É um trabalho que precisa de calma e paciência.”

Para Nailse, o artesanato é mais do que técnica; é um exercício de tranquilidade. “Esse trabalho traz paz. No mundo de hoje, com tanta correria, ele nos ensina a focar, a ter atenção.” Durante a pandemia, ela deu uma pausa para cuidar da mãe, mas o retorno ao ofício veio como uma renovação: “É um aprendizado constante. Cada vez que faço algo, aprendo mais.”

Um momento marcante de sua trajetória foi participar de um projeto há cerca de 14 anos, no qual Nailse e outras artesãs pintaram plaquinhas de papel duplex preto com Tabatinga branca, cada uma com seus próprios traços: “Foi lindo. Cada pessoa tem seu estilo, e a gente reconhece nossa pintura em qualquer lugar.” O trabalho integrou um livro sobre artesanato, o que conferiu visibilidade à sua produção.

Para o futuro, Nailse vê potencial de crescimento para o artesanato de Maragogipinho, especialmente com a evolução das técnicas e designs. “Antes as peças eram mais grosseiras, mas hoje são mais delicadas, assim como as pinturas. É um trabalho que, para quem entende, vale muito.” Ela também reconhece a importância do grupo. “Trabalhar em equipe, brincando e conversando, faz o dia passar leve e a produção crescer. É algo maravilhoso.” E assim, com traços finos e mãos firmes, Mestre Nailse continua a transformar argila em arte, enchendo de beleza e significado cada peça que sai de suas mãos.

Mestra Nailse

Pintura engobe, pintura a mão livre

Município

Aratuípe

Território

Baixo Sul

Rota do Artesanato

Rota Boi Bilha



"Esse trabalho traz paz. No mundo de hoje, com tanta correria, ele nos ensina a focar, a ter atenção."



*"A pintura era
minha calma. Me
ajudava a encontrar
equilíbrio."*

TEREZINHA BRITO DA LUZ

PROFESSORA E MESTRA

Terezinha não se imaginava pintando quando começou a observar sua irmã mais velha criando traços nas peças que os oleiros traziam. "Eu treinava nos cacos quebrados, só de curiosa", relembra. A curiosidade cresceu até o momento em que a irmã a surpreendeu com um elogio direto: "Você já sabe pintar". A partir dali, Terezinha assumiu os pincéis, transformando sua afinidade com o traço em um ofício.

Hoje, a pintura tradicional que ela domina é uma marca de sua trajetória. "Eu gosto de organizar a pintura conforme a peça, equilibrando o tamanho das flores e dos ramos com a proporção. Não pode ficar nem carregado demais, nem vazio", explica. Sua técnica favorita, transmitida por sua mãe, envolve o uso de Tabatinga – uma argila branca – e pincéis feitos de pelo de gato e talos de coqueiro. "Esse tipo de pintura exige muita calma e paciência", acrescenta, destacando o ritmo quase meditativo do trabalho.

"Eu sempre vivi aqui, polindo louças desde criança. Esse trabalho sempre fez parte da minha vida e da cultura local, que me encanta até hoje." Ela concilia a arte com uma longa carreira como professora. "

Entre os momentos marcantes, Terezinha destaca a oportunidade de pintar peças para uma encomenda para uma grande rede que vende artigos de casa e decoração. "O oleiro me contou que as pinturas foram para a França. Foi gratificante saber que meu trabalho chegou tão longe." A memória desse momento simboliza a força do artesanato de Maragogipe, que é, segundo ela, "uma expressão de nossa cultura para o mundo".

Ela já ensinou sua técnica a muitas pessoas, algumas delas jovens que hoje são profissionais. "Sempre falo que é importante passar esse saber para as novas gerações. A gente envelhece, mas o conhecimento precisa continuar". A conexão com suas raízes e a responsabilidade de preservar a tradição guiam seu olhar para o futuro. "Esse trabalho precisa ser perpetuado. Não podemos deixar morrer algo que é tão valioso para nossa identidade." Entre pinceladas delicadas e traços firmes, Terezinha constrói e reconstrói não apenas peças, mas também o significado de pertencimento e memória.



Mestra Terezinha
Pintura engobe, pintura a mão livre

Município
Aratuípe

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha

GUILHERME TEIXEIRA DOS SANTOS

O TEMPO DO BARRO PRECISA SER RESPEITADO

Guilherme vive e trabalha cercado por histórias moldadas em argila, uma matéria que também deu forma à sua vida. Foi criado por Vitorino Moreira, um mestre da cerâmica com impressionantes 104 anos, que lhe ensinou o ofício que viria a se tornar sua identidade. “Comecei muito cedo, na casa do meu pai de criação. O acabamento das peças, naquela época, era eu quem fazia”, relembra. Esse aprendizado não foi apenas técnico, ele também carregava a responsabilidade de preservar um legado que atravessava gerações.

Hoje, Guilherme é reconhecido pelo trabalho com peças decorativas em alto relevo, revestimentos e, especialmente, pelo famoso boi bilha, criação original de Vitorino. “Produzir o boi é um processo de etapas. Não dá para fazer tudo de uma vez. Você faz uma parte, espera secar, depois cola outra, e assim vai. São pelo menos cinco etapas até ele ganhar forma completa, com rabo, cabeça e tudo mais”, explica. Para ele, o artesanato não é só produção, é paciência e precisão, características essenciais em um ofício onde o tempo do barro precisa ser respeitado.

Um marco em sua trajetória foi uma viagem recente ao Ceará, onde representou o artesanato de Maragogipinho na Feira Nacional de Artesanato e Cultura. “Nunca tinha saído da Bahia. Foi uma experiência única, representar nosso trabalho e conhecer um lugar novo através do artesanato”, conta com entusiasmo. “O artesanato daqui não é só trabalho, é uma forma de vida. É isso que nos conecta ao território e às pessoas ao nosso redor”.



Mestre Guilherme
Cerâmica Tradicional

Município
Aratuípe

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha



“O artesanato daqui não é só trabalho, é uma forma de vida. É isso que nos conecta ao território e às pessoas ao nosso redor”



*"Se meu neto chega,
eu explico. Mostro o
fechamento da peça, o
acabamento."*

ANTÔNIO RAFAEL SANTANA

DAS PEÇAS UTILITÁRIAS ÀS PEÇAS DECORATIVAS

O início de Mestre Tutuna no artesanato foi muito semelhante ao de outros mestres locais. Observava os pais trabalhando com cerâmica, absorvendo os gestos e as técnicas no silêncio atento da infância. “Comecei olhando”, recorda. Primeiro vieram as pequenas peças, como as morangas. Depois, os desafios cresceram, levando-o a criar obras mais complexas, como o boi bilha, decorado na técnica da Tabatinga.

No passado, o artesanato em Maragogipinho tinha outro ritmo e uma outra logística. Ele se lembra das noites em que, após horas de trabalho modelando e queimando peças, ele e seu pai carregavam os saveiros com mercadorias destinadas a Salvador. “Trabalhávamos de manhã até de noite. Queimava, e logo botava no saveiro para São Joaquim”, relembra.

Apesar da simplicidade com que explica seu trabalho, Antônio Rafael é um mestre no ofício. Ele ensina o que sabe, mas de maneira espontânea. “Se meu neto chega, eu explico. Mostro o fechamento da peça, o acabamento.” E embora tenha dado cursos em algumas ocasiões, ele deixa claro que sua didática é mais prática, menos formal. Antônio Rafael também cita que as peças inicialmente eram mais utilitárias e que depois, com o tempo, passou a ter uma procura maior por peças decorativas.



Mestre Tutuna
Cerâmica Tradicional

Município
Aratuípe

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha

ALMERENTINO MACARIO DE SOUZA

O DOMÍNIO DA TÉCNICA DA QUEIMA DO BARRO

O som que vinha do forno anunciava que o calor havia atingido o calor necessário. Mestre Almerentino sabia que o segredo de uma peça resistente começava ali, na queima precisa. "A cerâmica bem queimada resiste. É saber queimar, no grau certo. Isso faz toda a diferença", explica. No entanto, o que mais o distingue não é apenas a técnica, mas sua capacidade de enxergar formas onde ninguém mais vê. "Olho para o céu, vejo uma nuvem, desenho e transformo aquilo em uma peça. Minha inspiração vem da natureza, do espiritual."

Almerentino destaca a importância de dominar as técnicas de queima para garantir a resistência das peças. "É porque a peça sendo bem queimada pegando grau certo, ela resiste, tem que saber queimar". Ele utiliza uma técnica tradicional, que aprendeu observando os oleiros mais experientes, "encostava a palha em cima do forno", para controlar a temperatura da queima e obter o resultado desejado.

Almerentino aprendeu cedo, sob a orientação dos pais, a modelar o barro. Desde cedo, já produzia peças maiores e, pouco depois, criou seu primeiro cuscuzeiro, que surpreendeu a família. Ele desenvolveu uma linha própria de luminárias e peças decorativas que são muito procuradas. "Trabalhei só por encomenda, e o pessoal não conseguia copiar minha linha. É algo único, que exige dedicação."

Maragogipinho é tanto sua fonte de inspiração quanto seu refúgio. "Quando viajo e retorno, sinto o clima diferente. É um paraíso." Ele acredita que o lugar tem algo especial, um magnetismo que atrai visitantes e artesãos. "O porto, a brisa, as famílias que chegam. É tudo maravilhoso. Aqui temos variedade e criatividade." Entre suas criações mais marcantes, ele destaca um jarro que surgiu de um acidente no torno, uma peça que aparentemente teria saído errada: "A peça entortou, cortei e ajustei. No final, virou um jarro com uma rosa no bojo. Quando mostrei, alguém pediu para eu não quebrar. Era uma peça divina, como tantas outras que faço."

Para ele, ser artesão é mais do que um trabalho; é uma forma de contar histórias. "Cada peça tem sua própria jornada, e cada vez que alguém leva algo daqui, leva também um pedaço de Maragogipinho. É isso que torna nosso trabalho especial."

Mestre Mereco

Modelagem e Cerâmica Tradicional

Município

Aratuípe

Território

Baixo Sul

Rota do Artesanato

Rota Boi Bilha



“O porto, a brisa, as famílias. É tudo maravilhoso. Aqui temos variedade e criatividade”



*"O artesanato me
deu tudo na vida. É
minha segunda
família."*

ANTÔNIO SANTANA MOREIRA COSTA

FÉ NA CRIAÇÃO

A fé é um pilar fundamental na vida de Mestre Padre. Sua presença assídua na igreja católica lhe rendeu o apelido que o consagrou como artesão. "Foi porque eu trabalhei muito tempo na igreja católica. Eu ia para igreja católica todos os dias". Ele enxerga o artesanato como uma dádiva divina que lhe permitiu sustentar a família, educar os filhos e alcançar reconhecimento: "O artesanato na minha vida foi tudo".

Mestre Padre é filho de João Pascoal Costa e sobrinho de Mestre Vitorino. Ele começou no artesanato ainda criança, absorvendo a arte enquanto observava o pai e a mãe na antiga olaria, chamada de "palheiro" por ser coberta de palha. "Eu ficava olhando, sem fazer nada, mas prestando atenção em tudo", ele recorda. As primeiras experiências vieram do trabalho familiar, carregando peças na cabeça, como corbélías, bacias e pratos, enquanto aprendia os segredos do ofício. Quando o pai faleceu, a responsabilidade cresceu: "Minha mãe ficou sendo o eixo, e todos começamos a ajudar dentro de casa."

Sua produção se diversificou ao longo do tempo, misturando peças utilitárias e decorativas. Ele conta que as peças decorativas, como moringas e baianas, sempre tiveram maior procura pelos turistas e visitantes. "O pessoal quer algo diferente, que decore". Ele lembra, com particularidade, de um prato trazido por uma cliente: "Fiz o desenho e trabalhei até acertar, sempre pedindo para puxar aqui, ajustar ali. Quando terminava, o acabamento era meu."

Ele descreve o trabalho no calor da olaria, moldando a argila, secando as peças ao sol e decorando-as com o tempo e paciência que o processo exige. "Antigamente, a louça decorativa ia para o sol, dava aquele brilho. Hoje, as coisas mudaram, mas o trabalho continua intenso". Apesar das transformações, Mestre Padre ainda reconhece suas peças por onde passam. "Estive em Minas certa vez há alguns anos atrás, [em um Museu], e vi peças minhas lá, sem nome. Pedi para colocarem, porque reconheço o meu trabalho."

Ao longo dos anos, ele ensinou a muitas pessoas, incluindo sua família. "Eu gosto de ensinar. É bom, distrai e mantém a mente ali, focada. Sempre procuro fazer o melhor". Para ser um bom artesão, ele acredita que é preciso mais do que técnica: "Tem que ter amor pelo que faz. É o amor que faz a peça ficar do jeito certo." Mestre Padre lembra ainda, com carinho, que o seu reconhecimento não é apenas local: seu trabalho foi incluído entre os 100 melhores do país em um concurso nacional.



Mestre Padre
Modelagem e Cerâmica Tradicional

Município
Aratuípe

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha



artesanato da **BAHIA**

Realização:



**Fábrica
Cultural**

GOVERNO DO ESTADO



SECRETARIA DO TRABALHO,
EMPREGO, RENDA E ESPORTE

GOVERNO
PRESENTE
**TRABALHA
PRA GENTE**